

EFEITOS DAS TRANSIÇÕES DE CICLO E MUDANÇAS DE ESCOLA: PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DO 5º ANO (2º CICLO)

António V. Bento

Professor Auxiliar

Departamento de Ciências de Educação

Universidade da Madeira

INTRODUÇÃO

A transição da escola elementar para a Escola Básica traz consigo maus momentos para muitos alunos. No momento em que as mudanças da adolescência a nível físico, emocional e social começam, as crianças encontram-se num ambiente escolar radicalmente diferente daquele a que estavam habituadas. Para alguns alunos esta mudança marca o começo de uma descida em espiral em relação ao rendimento académico, desistência escolar e outros problemas sérios.

No nosso país, cerca de 41.1 por cento dos adolescentes desistem da escola antes de completarem o ensino secundário. Portugal é o país da União Europeia com a mais elevada taxa de abandono escolar precoce. A percentagem de crianças/jovens até aos 15 anos que não completam a escolaridade básica é de 2.7 por cento (17.874).

De acordo com o estudo “Insucesso e Abandono Escolar” elaborado pelo Ministério da Educação em 2003, as taxas de abandono escolar são insignificantes no 1º ciclo, revelando-se crescentes nos ciclos seguintes e acentuam-se de forma marcante nos anos seguintes à passagem de ciclo (5º, 7º e 10º). Segundo o mesmo estudo, o abandono escolar tem muito mais a ver com a idade do que com o ano de escolaridade que se frequenta e é geralmente precedido de histórias de insucesso repetido. Os anos de escolaridade críticos para a retenção dos alunos são os que se seguem à mudança de ciclo. O referido estudo chama a atenção para o excesso de transferências de escola a que os alunos estão sujeitos.

No grupo dos pré adolescentes é comum verem-se descidas de níveis académicos, descida de auto estima e declínio de motivação.

Resultados de investigações sugerem que a transição de ciclo quando envolve mudança de escolas não é um factor benigno. A maneira como o ambiente e contexto da nova escola satisfaz as necessidades dos pré adolescentes tem um papel importante nos seus percursos académicos e nas suas vidas.

Nesta comunicação, faremos o resumo de algumas investigações sobre os efeitos de transição de ciclo e escola, analisaremos as perspectivas de todos os alunos do 5º ano duma Escola Básica e Secundária que passaram por essa transição e apresentaremos sugestões práticas para uma suave transição entre o 1º e o 2º ciclo.

PROBLEMA:

Formulámos três perguntas de investigação:

1. Quais as dificuldades sentidas pelos alunos do 5º ano na sua adaptação à escola Básica e Secundária?
2. Que percepções tinham quando ainda frequentavam o 4º ano de escolaridade?
3. Que recomendações fazem eles aos alunos que vêm para a escola Básica e Secundária no próximo ano lectivo?

O QUE NOS DIZ A LITERATURA

Cada vez mais, administradores escolares, professores e pais reconhecem a importância e o valor de uma transição suave entre escolas diferentes.

Depois de quatro ou cinco anos crescendo numa escola do 1º ciclo é normal que alunos e adultos se preocupem com a transição para uma escola Básica e Secundária. Apesar de tudo, será que essa preocupação é justificada? Investigações nessa área afirmam que a transição de escola não é uma simples fase crítica da qual os pré adolescentes recuperam rapidamente.

Já nos anos 60, Finger e Silverman (1966) revelaram uma descida no rendimento académico na maioria dos alunos em transição o que parecia estar altamente relacionado com a motivação académica.

Estudos recentes também indicam um declínio geral no rendimento académico depois da transição para o Ensino Básico. Peterson e Crockett (1985) revelaram uma queda de rendimento académico ao nível do 7º ano, que era o ano de transição, nas áreas das Línguas, Matemática, Ciências e História.

As características típicas das escolas básicas estão em conflito com as necessidades dos pré adolescentes: maior controlo por parte dos professores, relações professor-aluno mais distantes, maior competitividade académica, etc.

Blyth, Simmons e Cariton-Ford (1983), revelaram um declínio geral nas médias académicas para os alunos do 6º ao 10º ano. O declínio mais significativo, contudo, foi para os alunos que tiveram uma transição de escolas entre os 6º e 7º anos.

Crockett, Petersen, Graber, Schulenberg, e Ebata (1989) examinaram a situação em que jovens adolescentes fizeram duas transições escolares antes de atingirem o ensino secundário. Na comparação de rendimento académico destes alunos com os outros que só tiveram uma transição, verificou-se que os resultados dos alunos com duas transições eram sempre mais baixos.

Fenzel (1992) revelou que alunos mais novos são mais vulneráveis às baixas de rendimento académico do que os alunos mais velhos nas mudanças de escolas. Os alunos mais susceptíveis de risco para problemas de transição são alunos mais jovens provenientes de estratos sócio-económicos mais baixos.

O sucesso na escola está cada vez mais a englobar a criança na sua totalidade. A segurança física e emocional, as capacidades sociais e académicas e as expectativas pessoais geram escolas, alunos e adultos de sucesso.

PERCEPÇÕES DA ESCOLA E AUTO-ESTIMA

As percepções dos alunos sobre as suas experiências constituem um alvo de análise para examinar os efeitos da mudança de escolas para os jovens adolescentes. Mekos (1989) revelou que antes da transição, as raparigas estavam sobretudo preocupadas com as suas relações sociais com as futuras colegas das escolas Básicas, mas essas preocupações diminuíram após a transição. Rapazes e raparigas, no estudo, expressaram preocupações acerca do rendimento académico e acerca da estrutura e dimensão da nova escola.

Shulenberg, Asp e Petersen (1984) encontraram resultados idênticos em alunos do 7º ano em transição da escola do 1º ciclo (6º ano). Entre outros resultados, eles notaram que, durante a transição, a Matemática passou da disciplina mais preferida para a menos preferida e a percepção dos alunos sobre a nova escola era de um lugar social agradável.

Mekos (1989) notou, ainda, que alunos vistos como mais agressivos e mal comportados na escola do 1º Ciclo revelaram atitudes mais negativas em relação à sua nova escola e que as suas reacções se tornaram mais negativas à medida que o ano avançava.

A auto estima diminuiu nos alunos mais novos após a transição (Blyth, Simmons e Cariton-Ford, 1983; Eccles, Wigfield, Reuman & Mac Iver, 1987).

Mullins (1997) revelou que, em geral, alunos que participaram em múltiplas actividades de transição tiveram uma boa transição para as novas escolas. Estes alunos mantiveram as suas percepções de competência académica, social e de auto estima.

Factores como a grande dimensão das escolas, a departamentalização, o uso de competitividade como factor de motivação, o maior rigor nas classificações, a redução de oportunidades para a autonomia dos alunos contrapõem-se às escolas do 1º Ciclo.

METODOLOGIA

A população deste estudo é constituída por 75 sujeitos, alunos do 5º ano de escolaridade numa Escola Básica e Secundária situada a norte da Ilha da Madeira. Portanto, a população deste estudo é constituída por todos os alunos do 5º ano de escolaridade; 44% da população são sujeitos do sexo masculino e 56% são do sexo feminino; 72% tinham idades compreendidas entre os 9-10 anos, 26,7% tinham idades compreendidas entre os 11-12 anos e 1,3% idades compreendidas entre os 13-14 anos. 77% dos alunos não repetiu nenhum ano de escolaridade.

Foi administrado um questionário, com 22 perguntas, destinado a obter informações demográficas, percepções sobre dificuldades na transição da Escola Primária para a Escola Básica e Secundária e recomendações que fariam aos alunos que vão ingressar nesta escola no próximo mês de Outubro. Eis alguns exemplos das perguntas: **Questão 7: “Fizeste muitos amigos, durante o ano, nesta escola?”**; **Questão 8: “Pensas que os teus colegas de turma gostam de ti?”**; **Questão 9: “No 4º ano tinhas um professor para muitas disciplinas. No 5º ano tens um professor para uma disciplina. Como gostas mais?”**; **Questão 10: “De que é que gostas mais nesta escola?”**; **Questão 13: “Como é que te sentiste quando começaste o ano nesta escola?”**; **Questão 14: “O que está a ser mais difícil, para ti, em te habituares a esta escola?”**; **Questão 21: “Que conselhos darias aos alunos do 4º ano que vêm para esta escola em Outubro?”**.

RESULTADOS

Setenta e um alunos afirmaram que tinham feito amigos na nova escola. Sessenta e um alunos indicaram que os alunos da turma gostavam deles.

Surpreendentemente, cinquenta e nove alunos preferem a maneira como o sistema de ensino está estruturado no 2º ciclo (um professor para cada disciplina) em vez do que acontece no primeiro ciclo (um professor a leccionar várias disciplinas).

Sessenta e oito por cento dos alunos indicaram que enfrentaram a mudança para a nova escola com contentamento, dezassete por cento com nervosismo e dez vírgula sete por cento com medo.

Nesta escola Básica e Secundária, a Matemática está a ser a disciplina mais difícil para quarenta e quatro vírgula seis por cento dos alunos seguindo-se a disciplina de Ciências da Natureza (39,2%) e a de Inglês (29,7%).

Os alunos referiram que o que foi mais difícil para eles em se habituarem à nova escola foi o seguinte: “...muitos livros” (37,3%); a existência de “...alunos muito mais velhos” (33,3%); “...muitos trabalhos de casa” (25,3%).

Oitenta e dois por cento dos alunos indicaram que esperam passar para o sexto ano de escolaridade.

Setenta e nove vírgula sete por cento dos alunos demonstraram a expectativa de permanecer na escola até ao fim dos estudos universitários enquanto que dez vírgula oito por cento esperam permanecer na escola até ao 9º ano e os restantes nove e meio por cento tencionam ficar na escola até ao final do décimo segundo ano.

Vinte e três vírgula três por cento dos alunos já pensaram em desistir da escola.

Os alunos do 5º ano (a população deste estudo) dariam os seguintes conselhos aos alunos do 4º ano que virão para esta escola no próximo ano lectivo: “Estudem bem todas as matérias”; “Sejam bem-educados”; “Não tenham medo que isto não é difícil”.

Quanto ao número de visitas programadas á escola Básica e Secundária durante o ano precedente não vai ser apresentado uma vez que a pergunta não estava bem clara; os alunos visitaram regularmente a escola mas em programas desportivos pois que frequentavam regularmente a piscina da escola. Soube-se deste facto quando este investigador perguntou aos directores das escolas donde os alunos provinham se tinham feito algumas visitas programadas à Escola Básica e Secundária durante o ano lectivo precedente tendo; a resposta foi negativa.

SUGESTÕES DE ACTIVIDADES DE TRANSIÇÃO

A transição de escolas pode ser muito facilitada e tornar-se mais suave e agradável se for precedida de actividades programadas para o efeito. Eis algumas sugestões:

- Professores das escolas receptoras podem visitar as escolas emissoras e iniciarem contactos
- Trocas de cartas entre alunos das escolas emissoras e receptoras
- Enviar cartas para casa dando as boas vindas aos novos alunos e convidá-los para actividades na escola receptora

- Psicólogos e professores do ensino especial de ambas as escolas podem encontrar-se para trocarem informações
- Pode ser elaborado um manual e distribuído por cada família, incluindo a história da escola, números de telefone, calendário escolar, nomes dos novos professores do 5º ano por disciplina, procedimentos em relação às senhas de almoço, passes de autocarro e outras práticas.
- A articulação curricular deve ser bem compreendida pelos professores. Professores das escolas emissoras e receptoras podem reunir-se para discutir aspectos curriculares e práticas de ensino.
- No 4º ano, os directores escolares devem começar a ajudar os alunos a fazer a transição de uma sala com um único professor para uma estrutura de colaboração múltipla como o 2º e 3º ciclos do Ensino Básico.
- Os alunos do 4º ano podem passar algumas horas na escola Básica, fazer uma visita guiada à escola e ouvir algumas das regras disciplinares (uma grande preocupação) e almoçarem com os alunos do 5º ano.
- Professores do 4º ano podem preencher um formulário de transição para cada aluno. Este formulário deve incluir níveis em Matemática e Português, capacidades de escrita e apoios recebidos, estilos de aprendizagem, quem é que deve ser separado devido a problemas de comportamento e dificuldades de organização. Estas informações devem ser tidas em consideração aquando da formação das turmas.
- O psicólogo escolar da Escola Básica e Secundária pode visitar as escolas emissoras e fazer uma apresentação da Escola Básica: trabalhos de casa, organização dos espaços, horários, como decorre um dia típico na escola, professores, actividades escolares, clubes e actividades desportivas. Responder a todas as perguntas que os alunos tenham e convidá-los para um dia de orientação na nova escola.
- Programar um “conheça os professores dos seus educandos”. Numa tarde/noite, convidar os pais acompanhados dos seus filhos a conhecerem os professores dos seus educandos.
- Formar um grupo de alunos do 6º ano e treiná-los para irem fazer uma apresentação da nova escola às escolas emissoras.
- Fazer um vídeo sobre a nova escola para ser apresentado aos novos alunos.
- Pedir à Associação de Pais que programem uma visita dos pais dos alunos do 4º ano à nova escola.

- O programa de transição deve incluir actividades para professores, pais e alunos. Os irmãos mais velhos que frequentem já as Escolas Básicas podem ser importantes na experiência de transição dos seus irmãos mais novos.

ANÁLISE E CONCLUSÕES

Este pequeno estudo destinava-se a averiguar as dificuldades de transição dos alunos da escola Primária para a escola Básica e Secundária.

Ao contrário do que a literatura sugere, a maioria dos alunos, neste estudo, indicou que gostam mais do modo como está estruturada a escola Básica e Secundária (vários professores para diferentes disciplinas) ao contrário da Escola Primária (ensino globalizante).

No geral, os alunos deste estudo indicaram como dificuldades de adaptação à Escola Básica e Secundária, a grande quantidade de livros, a existência de muitos alunos mais velhos, grande quantidade de trabalhos de casa, a dimensão da escola, os horários das aulas e os horários dos autocarros.

No geral, evidência sugere que existe um desencontro entre as necessidades de jovens adolescentes e os ambientes de algumas escolas que eles frequentam. Somente pela análise dos recursos e contextos locais podem os educadores ganhar uma mais clara compreensão da natureza e causas dos problemas associados com a transição nas suas escolas.

A simultânea transição de escola e de ciclo deve ser programada com várias actividades, algumas delas apresentadas neste estudo, a fim de facilitar a adaptação dos alunos do 4º ano à escola Básica e Secundária e assim contribuir para um maior rendimento académico e minorar as perturbações a nível comportamental, social e emocional.

REFERÊNCIAS

- Blyth, D., Simmons, R. & Cariton-Ford, S. (1983). The adjustment of early adolescents to school transition. *Journal of Early Adolescence*, nº 3, pp. 105-120.
- Crockett, L., Petersen, A., Graber, J., Schulenberg, J. & Ebata, A. (1989). School transition and adjustment during early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, nº 9, pp. 181-210.
- Diemert, A. (1992). A needs assessment of fifth grade students in a middle school. Acton, MA.

- Fenzel, L. (1989). Role strains and the transition to middle school: Longitudinal trends and sex differences. *Journal of Early Adolescence*, nº 9, pp. 211-226.
- Finger, J. & Silverman, M. (1966). Changes in academic performance in the junior high school. *Personal and Guidance Journal*, nº 45, pp. 157-164.
- Haladyna, T. & Thomas, G. (1979). The attitudes of elementary school children toward school and subject matters. *Journal of Experimental Education*, nº 48, pp. 18-23.
- Mekos, D. (1989, April). Students' perceptions of the transition to junior high: A longitudinal perspective. Paper presented at the *Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development*. Kansas City, MO.
- Mullins, E. (1997). Changes in young adolescent's perspective: A descriptive report. *Journal of Early Adolescence*, nº 4, pp. 107-130.
- Petersen, A. & Crockett, L. (1985). Pubertal timing and grade effects on adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, nº 14, pp. 191-206.
- Odegaard, S. & Heath, J. (1992). Assisting the elementary school student in the transition to a middle level school. *Middle School Journal*, nº 24 (2), pp. 21-25.
- Schulenberg, J., ASP, C., & Petersen, A. (1984). School from the young adolescent's perspective: A descriptive report. *Journal of Early adolescence*, nº 4, pp. 107-130.
- Weldy, G. (Ed.). (1991). Stronger school transitions improve student achievement: A final report on a three-year demonstration project "Strengthening School Transitions for Students K-13." *National Association of Secondary School Principals*. Reston, VA.

<http://www.educare.pt>

<http://www.min-edu.pt>

Como referir este artigo:

- Bento, A. (2007). Efeitos das transições de ciclo e mudanças de escola: Perspectivas dos alunos do 5º ano (2º ciclo). In J. Sousa e C. Fino (Org.). *A escola sob suspeita* (pp.375-384). Porto: Edições Asa.